

NEURODIVERSIDADE EM PAUTA: uma análise da reportagem Igual, mas diferente da Folha de S.Paulo¹

Tiago Abreu – Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O artigo analisa a reportagem "Igual, mas diferente" da Folha de S.Paulo, publicada em 2006, com o uso da análise documental. Descreve as fontes utilizadas e examina tensões sobre diagnóstico, tratamento e cura do autismo. Desta forma, destaca a complexidade do tema e o papel crucial da mídia na compreensão pública do autismo e da neurodiversidade no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; jornalismo; neurodiversidade.

1 INTRODUÇÃO

Em 27 de julho de 2006, a Folha de S.Paulo publicou a reportagem "Igual, mas diferente", que se caracterizou como a primeira notícia sobre neurodiversidade em um jornal de larga circulação no Brasil. Este trabalho parte da perspectiva de que a neurodiversidade é um conceito criado na década de 1990 em fóruns e comunidades virtuais frequentadas por autistas (Botha et al., 2024) que caracteriza a pluralidade neurocognitiva da população humana e, ao mesmo tempo, um movimento de justiça social para o reconhecimento de neurominorias (Abreu, 2022). Chapman (2023) descreve que o primeiro uso público do termo se deu em um artigo publicado no New York Times, o que caracterizou, historicamente, uma popularização midiática do termo.

Trata-se, aqui, de uma análise documental, com abordagem qualitativa e de caráter descritivo, que pode ser aplicada em textos como os publicados em jornais como objetos de estudo (Lima Junior et al., 2021). O objetivo deste trabalho é de compreender quais são as fontes abordadas e os seus vínculos de ativismo institucionais (ou não), as tensões descritas em torno do debate da neurodiversidade e relacioná-los com a literatura existente sobre o tema.

2 AS FONTES

O texto apresenta a mudança conceitual do autismo a partir da descrição de Leo Kanner apresentada na década de 1940 até a emergência do diagnóstico de Síndrome de Asperger, descrito por Lage (2006, n.p) como “um tipo mais brando de autismo”. O argumento principal da autora que justifica a reportagem é que o debate sobre neurodiversidade teria chegado de forma oficial no Brasil um mês antes da publicação do texto, com o surgimento da associação Movimento Orgulho Autista Brasil (MOAB) – representada por Fernando Cotta. Do ponto de vista institucional, também

¹ Trabalho apresentado no GT3 – Redes Sociais e Ativismo Midiático da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

foram entrevistados Eliana Boralli, da Associação dos Amigos da Criança Autista, e Marisa Furia, então presidente da Associação Brasileira do Autismo (Abra), organização que, por muitos anos, foi caracterizada como a principal instituição de caráter nacional do país sobre o tema (Lopes, 2019).

Outros entrevistados brasileiros descritos no texto foram o professor e psiquiatra Marcos Tomanik Mercadante e Kika Feier Goulart, mãe de um adolescente autista. A reportagem também inclui Valerie Paradiz, que desenvolvia uma atuação educacional com autistas nos Estados Unidos.

Um espaço significativo da reportagem é dado para Judy Singer, socióloga australiana frequentemente creditada como a primeira teórica a descrever a neurodiversidade na academia (Botha et al., 2024), e de Jim Sinclair, ativista autista responsável pela Autism Network International (ANI), a primeira organização de autistas dos Estados Unidos. O papel de Sinclair com a neurodiversidade é reconhecido pela formação dos primeiros fóruns de comunicação entre autistas, que propiciaram a construção de diálogos sobre o autismo fora da perspectiva dominante de familiares (Abreu, 2022; Chapman, 2023). Sinclair, em especial, também é alvo de uma entrevista ping-pong publicada na mesma data pelo jornal.

Singer, na reportagem, argumenta que a emergência da neurodiversidade se deu por quatro aspectos: 1) O movimento feminista; 2) A diminuição da autoridade médica com a ascensão do movimento autista; 3) O movimento político das pessoas com deficiência; 4) A popularização da internet.

3 TENSÕES

O texto caracteriza múltiplas tensões em torno da caracterização do autismo, uso de medicações, tratamento e a cura. A autora alega que, por conta da rejeição de cura por parte de autistas integrantes do movimento, “a tese é polêmica e opositores alertam para o risco de ela afetar desenvolvimento de quem tem a síndrome” (Lage, 2006, n.p). A ideia é vista com ceticismo por Mercadante, que declarou concordar com a ideia de que o autismo não, necessariamente, seria uma patologia. Mas discordou com a justificativa de que a maioria das pessoas autistas não é autônoma.

A reportagem traz perspectivas divisivas sobre o uso de medicações. Singer e Cotta argumentam que o uso de remédios deve ser em vista de contribuir com a qualidade de vida de autistas, e não com o objetivo de mudar suas personalidades. Judy Singer, por exemplo, defendeu que a irritabilidade no autismo pode ser contornável sem medicações, desde que o ambiente (como o escolar) seja observado e modificado.

Marisa Furia, ao olhar para o próprio filho, disse que o autismo “é um problema sério, não um modo de ser. Jamais diria que é o jeito dele. Ele é muito comprometido. Gostaria que houvesse uma cura” (Lage, 2006, n.p). Nesse sentido, Singer argumentou que a deficiência intelectual no autismo não deveria ser ignorada, e que autistas de menor dependência não falam por todos os

autistas. Portanto, a autora também descreveu que a neurodiversidade traz uma abordagem realista de pontos positivos e negativos. “Há aspectos do autismo que causam sofrimento, e seria ótimo se isso pudesse ser curado. Mas não acho que exista uma cura capaz de tirar os aspectos negativos e reter a diversidade genética da humanidade” (Lage, 2006, n.p)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que a reportagem “Igual, mas diferente”, publicada pela Folha de S.Paulo, faz um estado da arte sobre a neurodiversidade pouco comum em reportagens sobre autismo, ao combinar fontes de diferentes países e tensionar suas perspectivas até onde seja possível. Esse papel pioneiro pode ser visto pelo fato do trabalho de Singer e o seu crédito pelo desenvolvimento teórico da neurodiversidade ter ganhado maior força na mídia popular somente a partir da década de 2010 (Abreu, 2022; Botha et al., 2024).

Um dos desafios em produções jornalísticas que abordam o autismo é de caracterizar um diagnóstico complexo, de atenção crescente na mídia e que traz diferentes narrativas e perspectivas, como as questões neurobiológicas e sociais. Desta forma, a reportagem em questão se inclui no cenário descrito por Rios et al. (2015, p. 333) de que “a mídia impressa assume um papel importante nas concepções socialmente partilhadas sobre o autismo no Brasil”. Assim, seus conteúdos podem ser documentos úteis para entender a própria história do diagnóstico no país.

Referências

ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2022.

BOTHA, Monique *et al.* The neurodiversity concept was developed collectively: An overdue correction on the origins of neurodiversity theory. In: **Autism**, p. 01-04, 2024.

CHAPMAN, Robert. **Empire of normality: Neurodiversity and capitalism**. Londres: Pluto Press, 2023.

LAGE, Amarílis. Igual, mas diferente. In: **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 de jul. 2006.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão *et al.* Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

LOPES, Bruna Alves. **Não Existe Mãe-Geladeira: Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019)**. 2019. 291f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

RIOS, Clarice *et al.* Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 325-336, 2015.